

## “A Batalha” e o operariado

A existência na imprensa dum jornal independente que não se curvasse perante as potências do dinheiro; nem se prestasse a servir interesses políticos, agindo nesta sociedade aviltada como uma força moral, como um protesto diário contra todas as extorsões e todas as violências, foi, durante largos anos, uma aspiração e um sonho. Aspiração que sempre foi julgada irreizável, que se imaginava ficar tão abstracta como o mais belo e o mais longínquo dos sonhos.

Lusperadamente, um dia, essa aspiração converteu-se em realidade e “A Batalha” surgiu, por entre uma atmosfera de simpatia, recolhendo pouco depois do seu início os aplausos mais vibrantes e mais sinceros. Como soube tornar-se, dentro dos seus modestíssimos recursos, a alma da multidão, insuflando-lhe a energia em todas as suas lutas, amando, odiando, combatendo e vivendo o que ela amava, odiava, combatia e vivia.

A sua redacção vieram manifestações, inapagáveis na memória de todos, manifestações que tinham a valorizá-las não só o número de pessoas que nelas tomavam parte, como a espontaneidade com que se organizavam.

Em vários momentos da vida portuguesa, a rua em que “A Batalha” está instalada se encheu de lés a lés duma multidão fremente de entusiasmo, que a aclamou incessantemente durante horas consecutivas.

Um dia, que energúmenos a assaltaram de surpresa, a emoção em toda a cidade foi enorme: as classes operárias abandonaram o trabalho e produziram-se aquilo que as folhas conservadoras classificam de “alteração da ordem pública”. Uma grande parte da população veio ao seu edifício presenciar os estragos produzidos por um acto canibalesco, numa romaria que se prolongou durante uma semana.

Anos volvidos sobre esses factos, através da sua história cheia de vicissitudes de toda a espécie, a maneira como ela se salvou de todas as crises e venceu todos os obstáculos ratificou em nós a ideia de que ela fora criada pelo povo—e nunca pode ser transitória nem efémera a vida de qualquer coisa a quem o povo, num arrebatamento generoso e fecundo, tenha transmitido a sua própria vida.

De facto, tudo nos faz crer que não nos enganamos. Frente a frente, lealmente, em luta franca e sem rodeios, desmascarou os seus ardis, destruiu-lhes muitos expedientes perigosos, malogrou-lhe muitos golpes homicidas—e ficou de pé, apesar das ofensivas violentas que contra ela se desencadearam. E de tal modo a sua existência ficou ligada à existência do povo, no que ela tem de mais puro e de mais nobre, que a sua desapareição implicaria logicamente o malogro total das mais legítimas aspirações e dos mais ousados e generosos cometimentos. Na hora que passa, ela ainda mantém desfilado o pavilhão da independência e da rebeldia, sob o qual palpitam as mais legítimas aspirações e se meditam os mais belos empreendimentos.

E há de mantê-lo até ao último alento da sua vida porque para ela há uma coisa mais trágica mais irreparável e mais ignominiosa do que a morte: a transigência. Como naquela simbólica lenda gerada pela destruição de Pompeia que põe um homem firme no seu posto até ao desmoronamento total da cidade, a “Batalha” não abdicará do seu programa, ainda que isso possa para ela representar — a morte.

Várias vezes as circunstâncias a levaram a encerrar de frente a sua desapareição e em nenhuma delas preferiu, para continuar vivendo, arrear caminho. Hoje, que novamente a ameaça fatal se desenhava em emaranhadas dificuldades financeiras ela prefere morrer a abdicar. Sem perder a firmeza de animo, volta-se para o proletariado e diz-lhe sem frases, nem rodeios: — Escolhe. Queres insuflar-me a vida uma vez mais ou preferes que deixe o caminho livre a todas as quadrilhas e a todas as corrupções que me odeiam e me receiam?

## Deve-se à ganância dos industriais, a grave crise que a classe trabalhadora atravessa 1500 operários sem trabalho e 60 fábricas encerradas

É verdadeiramente arripante a actual situação da classe trabalhadora da laboriosa cidade de Setúbal. A fome invadiu quase todos os lares, poucas sendo as casas em que ainda existem objectos pelos quais os penhoristas alguma coisa emprestem. Homens, mulheres e crianças passam torturas inenarráveis, muitas havendo que só andras possuem para se cobrir e que passam dias consecutivos sem comer.

Contar pormenorizadamente o que nos foi dado verificar, numa visita por nós feita a Setúbal, daria assunto para encher muitas colunas, não logrando nós, contudo, dar uma pálida impressão do horrível espectáculo.

A par de circunstâncias naturais que concorrem para um tal estado de coisas, a atitude verdadeiramente criminosa da grande maioria dos industriais daquela capital é revoltante, pois demonstra bem quanto pode o egoísmo e a falta de consideração pelos produtores de toda a riqueza.

**A pesca da baleia na costa portuguesa, é uma das principais causas da falta de sardinha**

De há três anos a esta parte, que a falta da sardinha se vem sentindo na costa da Galé, mais se tendo acentuado a partir de Novembro último. Procurando nós saber quais os motivos dessa carestia de peixe, conseguimos obter dados curiosos sobre o assunto, dentre os quais avultam a protecção escandalosa e verdadeiramente criminosa, dada a uma fábrica de preparação de óleo de baleia, existente perto de Setúbal. Antigamente, era proibido pescar a baleia nas costas portuguesas, mas como isso não convinha à empresa da referida fábrica, autorizou-se que tal se fizesse. Este facto, que pode parecer sem importância, consequentemente assim no-lo afirmou um técnico—provocar a falta da sardinha que, vendendo-se livre da baleia, da qual fugia, refugiando-se na costa, se afasta para o alto mar, onde a pesca se torna impossível.

Mas se esta é uma das causas da falta de peixe, não é a única. O facto de os industriais, gananciosamente, mandarem pescar em todas as épocas, não é menos importante que aquela.

Durante os meses de Janeiro, Fevereiro e Março, torna-se absolutamente necessária a proibição da pesca, pois é durante eles que a sardinha desova. Todavia, sem se atender a tal circunstância, pesca-se durante todo o ano, o que é altamente criminoso, pois se apanha a sardinha prestes a procriar, bem como a sardinha pequena, dando isso em resultado a extinção por completo do peixe.

Mas, poderá supor-se que, uma vez regulamentados os dois assuntos acima postos, o problema da crise, na indústria de conservas, fica resolvido, o que não sucede. Chegamos, agora, à parte mais revoltante do caso.

**Os industriais provocando a fome**

Por um regulamento imposto nas fábricas, pelos respectivos patrões, foi estabelecido em 1913, que determinados trabalhos seriam desempenhados por mulheres e por menores, estipulando ao mesmo tempo quais os que deviam ser executados só por trabalhadores. Note-se, e é bom frisar, que este regulamento foi imposto pelos industriais. Sucede, porém, agora, que os proprietários de fábricas, violando criminosa e aviltantemente o que em tempos estabeleceram fazer com que as mulheres e os menores substituam em tudo os trabalhadores e os soldados, lançando assim estes na miséria. O benefício que lhes advém dessa atitude é bem patente, pois tendo de pagar aos trabalhadores salários que variam entre 16 e 20 escudos diários, pagam às mulheres e aos menores, muitos destes com menos de 12 anos de idade, salários que nunca vão além de 8 escudos.

Uma das formas usadas pelos industriais para conseguirem burlar daquela maneira os trabalhadores, é burlar em prática uma outra burla não menos revoltante. Assim, como os trabalhadores se recusam a trabalhar ao domingo, no uso de uma regalia já usufruída há 18 anos, aqueles cavalheiros admitem nesse dia de descanso mulheres e crianças, que depois vão deixando a trabalhar, em prejuízo dos trabalhadores, sem se importarem com a miséria que provocam.

O emprego de mulheres e de crianças em trabalhos que deviam ser desempenhados

por homens é tanto mais criminoso, quanto é certo que, além dos prejuízos que já enumerámos, é manifestamente transgredido o disposto na legislação referente ao trabalho de mulheres e menores, com a agravante de até para estes ser prejudicial, pois empregando-se em serviços muito mais pesados do que seria lógico, estão muito mais sujeitos a desastres, que se dão constantemente.

Todavia, é justo frisar, alguns industriais há que cumprem com o estabelecido no respeitante ao trabalho de menores e mulheres, mas são tão poucos, que quase nada influem no mal-estar geral.

Todas estas razões e mais ainda a falsificação no fabrico, que provoca o retratamento do comprador em adquirir o artigo, levou ao agravamento de uma questão que bem fácil seria de resolver.

**Industriais que obrigam a trabalhar, recusando-se depois ao pagamento devido**

Não é tudo ainda, o que vimos de relatar. Há mais ainda e vamos entrar num período que atinge as raízes do descaramento.

Os marítimos, tripulantes de barcos de pesca, tinham de há muito, direito à folga de 48 horas seguidas, de quinze em quinze dias. Agora, já assim não sucede. Os armadores mandam sair para o mar quando muito bem lhes apetece, sem respeitarem o descanso devido aos marítimos, e o que é pior, sucede frequentes vezes, pagarem os salários a esses homens, com atraso de semanas. Outros há, que não só obrigam a trabalhar quando lhes dá na gana, como ainda, terminada a faina, desarmam companhias, não pagando ao pessoal, que fica burlado e na miséria, depois de um esgotado trabalho.

Tudo isto é feito com a complacência de quem devia obviar a tal, o que mais revoltante torna o caso, pois os operários vêm-se inibidos de reclamar, certos de que jamais conseguirão o que de direito lhes pertence.

Uma outra classe há ainda em Setúbal, que atravessa também uma crise já mais atingida. É a dos manipuladores de pão. Os industriais de padaria, com um revoltante desinteresse pela saúde pública, bem como pela situação daqueles produtores, estão admitindo nas padarias, para todos os serviços, menores, que ganham menos que os homens, mas não conseguem, porque não podem, manipular o pão de forma a ele ser o alimento que devia ser, saudável e nutritivo.

**O número de desempregados e de fábricas encerradas**

Depois de tudo quanto acabamos de expor, convém mostrar qual o número de operários sem trabalho, bem como o de fábricas encerradas.

Nas classes das conservas e de pesca são cerca de mil e trezentos os desempregados, e na dos manipuladores de pão anda por 150. Um total de 1.450, o mesmo é dizer que há 4.500 pessoas com fome, e tudo isto provocado pela falta de humanidade de uma meia dúzia de cavalheiros que, não sabendo o que têm de ser, nada lhes importa o mal da grande maioria.

Convém ainda esclarecer que se encontram encerradas 60 fábricas de conservas, a maioria das quais não possuem ainda maquinismos e cujos proprietários se vêm prejudicados na lota do peixe pelos grandes industriais, que elevam o preço do peixe a uma exorbitância inconcebível, com o que ainda são prejudicados os operários.

**As classes operárias e o governo**

Aproveitando a ida a Setúbal de alguns componentes do governo, as direcções das Associações de Classe dos Trabalhadores das Fábricas de Conservas, dos Marítimos e dos Manipuladores de Pão entregaram ao sr. general Carmona representações, nas quais se solicitava a intervenção das autoridades, no sentido de se obrigar os industriais a cumprir com os regulamentos em vigor, de forma a atenuar-se a grave crise que ali se atravessa. A primeira das aquelas representações pediu também que fosse obrigado o respeito pela lei do descanso dominical, tendo os marítimos apresentado, como medida a pôr em vigor imediatamente, a delimitação de uma zona de pesca exclusiva para os matriculados na Capitania de Setúbal.

Amanhã apreciaremos, mais de espaço, este importante assunto.

## Notas & Comentários

Uma do “El Sol”...

“El Sol” publica sobre a soi-disant “miss” Portugal um telegrama onde se leem estas estupidíssimas patranhas: — “A miss” é filha dum carvoeiro e duma porteira... Para vestir-lhe foi preciso promover-se uma subscrição entre os vizinhos do prédio onde ela residia.

A imprensa espanhola como se vê está bem servida de informadores, respeitadores de verdade e conscienciosos até às últimas minúcias...

**A frase do sempre**

O “Diário de Notícias” tanto se empenha em fazer brilhar a rapariga-delta na Câmara Municipal que chega a contribuir para o seu descrédito.

Na correspondência que publicou de Vigo pôs a “miss” atacada do desejo de escrever ao público dando-a como signatária da frase “levo Portugal dentro do peito”, frase que é inelutável sempre que se entrevistem estrangeiros que nada têm que dizer, e que se mostram admirados de que os pretendam entrevistar, pessoas que não têm uma única pergunta concreta a fazer-lhes.

**“A Situação”**

Recomenda hoje a publicar-se o nosso colega da tarde “A Situação”, que foi punido pelo sr. ministro do Interior com a pena de

dois dias de suspensão, pena que cumpriu anteontem e ontem.

Aquele nosso colega publicará hoje um número especial de doze páginas.

A “Batalha” afirma ao jornal castigado os seus mais vementes e sinceros protestos de solidariedade, sem pretender inquirir da sua orientação, nem da dos que a suspendiram. Se ela tal não fizesse neste momento trairia a sua própria missão, na qual está também incluída a defesa da liberdade da imprensa.

**A poesia da hopeia**

Mário Salgueiro quer ontem a público a sua opinião sobre a poesia de hoje, opinião que é plena de desasombro e de justiça e ainda insuspeita, porque o seu autor é um poeta de inspiração feliz e prometedora:

“A poesia de hoje é pobre e é falsa. As razões são várias. Mas dentre elas convém destacar a onda de derrotismo que avassalou os espíritos no nosso país e que atingiu a poesia. Dão-lhe o nome de nacionalismo, mas é um nacionalismo artificial, reaccionário, feito de covardia e de ridículo. Nos versos de hoje não se fala senão de caravanas e de cavaleiros andantes, da Cruz de Cristo e dos “longes da saudade”, como se quisessem que Portugal voltasse aos séculos XV e XVI, apagando toda o progresso realizado até hoje, como se de então para cá o mundo não tivesse existido e os homens deixassem de pensar.

“E’ ridículo e idiota.”

Que nunca as mãos lhe doam — são os

seus desejos

## CARTA DO EXTREMO-ORIENTE

## O desenvolvimento do anarquismo no Japão e na Coreia

TÓQUIO.—Março.—A ideia anarquista, a pesar de todas as reacções e violências, expande-se sempre cada vez mais por toda a parte.

Não somente penetrou profundamente na vida social europeia, mas expande-se através de todo o vasto mundo, até os países mais longínquos, entre os povos mais desconhecidos.

Sabe-se que, de há uns vinte anos a esta parte, a propaganda anarquista não cessa de se desenvolver tanto no Japão como na China.

A- pesar de todas as dificuldades e perseguições ferozes, a ideia anarquista radicou-se nestes povos.

Nas Índias, as pacíficas e passivas Índias, a agitação anarquista começou, sobretudo em Bengala. O ano passado, para combater os anarquistas, o vice-rei teve de dar ordens especiais, e não obstante, as suas ideias desenvolvem-se cada vez mais.

No arquipélago malaio, dividido e oprimido por diversas potências, sobretudo pela Inglaterra e Holanda, parecia ser impossível que ali surgisse o movimento anarquista. Mas, a- pesar da terrível opressão, de tempos a tempos, tem-se podido publicar jornais anarquistas clandestinos, sobretudo na colónia chinesa.

O atentado de 23 de Janeiro do ano findo, cometido pela jovem Houang-Sou-Jing surpreendeu as autoridades das diversas nacionalidades. Foram numerosas as prisões, perseguições e expulsões. Mas a atitude da nossa camarada durante todo o processo foi franca e corajosa, e declarou-se abertamente anarquista. Foi condenada a dez anos de prisão.

Com o seu acto a ideia anarquista encontrou um bom meio para se desenvolver em toda a Malásia.

Na próprias pequenas ilhas Formosas, terrivelmente oprimidas pelo governo japonês, a nossa ideia não deixa de penetrar. Um jornal anarquista é publicado em Pequim por um jovem camarada destas ilhas, que emprega todos os seus esforços para o fazer introduzir por contrabando entre os habitantes do seu país. De resto o anarquismo está aqui muito mais difundido do que se pensa.

Foi na Coreia que teve lugar recentemente um grande processo anarquista.

A Coreia é uma península do Extremo-Oriente cuja superfície é aproximadamente igual à da Itália, e a população é quase metade da francesa. Como o Japão a Coreia sofreu muito a influência da civilização chinesa. O seu povo é inteligente e trabalhador. Em 1910, o Japão anexou a Coreia que se tornou uma simples colónia. Mas desde então, o movimento revolucionário pela independência nacional não deixou de aumentar. O martirológico dos revolucionários é longo e terrível. Não se passa um ano, um mês, um dia, em que se não façam prisões, perseguições, torturas e execuções. A opressão e a crueldade do Japão na pobre Coreia são inacreditáveis. Todas as revoltas são sufocadas em sangue. Não só os revolucionários são perseguidos e massacrados, mas também aqueles de quem se suspeita.

Os homens são mortos por processos abomináveis; as mulheres, sobretudo as jovens estudantes, são violadas e martirizadas pelos soldados e pelos guardas. Tudo isto não pode ser contado sem se tremer. Nestas condições e numa semelhante atmosfera é natural que o ódio e a vingança, como o “chauvinismo” e patriotismo, reinem neste país. Não obstante, o anarquismo desenvolve-se.

Sob uma tal opressão, a propaganda não pode ser feita senão clandestinamente. Assim, é muito difícil saber quanto se passa neste país. Pessoalmente conheço um grupo de anarquistas coreanos entre os exilados de Pequim e Xangai. Eles ocupam-se sobretudo na tradução e publicação de obras clássicas em vez de anarquismo.

Há alguns meses, três camaradas coreanos foram presos em Xangai, quando distribuíam manifestos, e entregues ao Japão pelas autoridades francesas. A sua sorte é ainda desconhecida.

A 27 de Outubro do ano passado, começou na Coreia o primeiro processo contra nove anarquistas. Pertenciam à federação anarquista da “Bandeira Negra” que tem como centro de actividade Hang-Tchen (Seul), e como fim a propaganda e realização do anarquismo.

Os nove anarquistas processados são: Kwo-Jung-Mô, estudante, de 26 anos; Sung-Jong-Jê, estudante, de 22 anos; Lee-Tsong-Tse, professor, de 25 anos; Hsu-Hsang-Jung, escritor, de 20 anos; Hsu-Ting-Kuei, camponês, de 28 anos; Hone-Tseng-Jeu, operário, de 25 anos; Hsu-Tchang-Hung, operário, de 26 anos; Haug-Ping-Hsee, de 23 anos.

A sua atitude durante este processo foi calma. Explicaram as razões da sua luta, e o que queriam: a liberdade e a igualdade. Eram tão bem vistos pelo público que os jurados tiveram de expulsar da sala os assistentes. Mas estes opuseram resistência, tendo a polícia que intervir violentamente.

Num segundo processo contra estes mesmos camaradas, feito à porta fechada, tiveram lugar diversos incidentes. Não conhecemos ainda o veredicto, mas podemos imaginar que, estando sob a feroicidade do governo japonês, será terrível a sorte destes camaradas.

Camaradas europeus! Nós recebemos de vós a ideia do anarquismo moderno. Que estas notícias, que vos mostram que também nos países longínquos, se trabalha pelas nossas comuns ideias, vos sirvam de encorajamento. Trabalhai mais energeticamente ainda, e o mais cordialmente possível, certos de encontrardes um eco nos quatro pontos do mundo.

Kigone

## FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Firmo Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

## OS ACONTECIMENTOS NA CHINA

## A diplomacia soviética está respondendo aos desafios de guerra

O assalto à embaixada soviética de Pequim deve ter sido o acto de uma conjuntura orientada pela diplomacia inglesa, que pretende empurrar a Rússia para uma guerra. O protesto das potências é muito platónico, certamente, mas adivinha-se nesse protesto uma reprovação da política agressiva da Inglaterra.

Cada potência procura seguir para com a China a política que mais convém aos interesses e ambições dos seus elementos imperialistas, capitalistas, financeiros e militares e só assim se explica que a Inglaterra se encontre isolada. O vexame diplomático, máscara de um desafio belicoso, imposto à Rússia, não emocionou as chancelarias das outras potências e, por isso, o protesto feito contra a embaixada soviética deve ser interpretado como um aviso mímico à diplomacia inglesa de que deve abandonar menos a sua hegemonia política no oriente e considerar melhor os variados interesses que se debatem entre as potências.

A diplomacia soviética compreende bem o significado de cada acontecimento na China e a repercussão que todos eles virão a ter nos diversos pontos do Oriente. A Rússia será a última potência a rir-se, embora ao imperialismo e, também, à opinião europeia, pareça ser a primeira; será a última a rir-se, mas a única a ganhar resultados definitivos em toda a formidável contenda.

Jogando com os trunfos que guarda, a Rússia não levará o seu protesto muito longe. Enquanto mobiliza metódicamente vários corpos de exército, acumulando-os nas fronteiras da Europa, da Manchúria e do Turquestão, a sua diplomacia formula um protesto energético ao governo de Pequim—sem o levar às potências—e prepara-se para o rompimento diplomático com o governo do norte, única forma de reconhecer de facto, e com ele tratar, o governo de Cantão. Recatando previamente os seus futuros interesses económicos e financeiros na China, a república soviética apoiará cada vez mais ostensiva, à medida da arrogância da Inglaterra, a política nacionalista de Cantão. A transferência dos negócios diplomáticos soviéticos para Hankou, como se noticiou, deve ser a primeira parte desta política subtil e provocadora.

E’ provável que a diplomacia inglesa só se abra um segundo revés, tão grave como o que sofreu após o envio do seu famoso “memorandum” às potências. Nos meios oficiais e oficiais do Japão diz-se que o assalto à embaixada soviética em Pequim virá a ter consequências muito graves, acusando-se Tchong-Tso-Lin de instigar sem rodeios a Rússia a uma guerra; assim se arrastaria a questão chinesa para o terreno de uma perigosa conflagração das potências acidentais contra o Oriente.

As manifestações de desatento à Rússia não cessaram. O banco russo e os escritórios do caminho de ferro que os russos administram, em Tien-Tsin, foram invadidos pela polícia de Tchong-Tso-Lin, que fez buscas e apreendeu documentos. O consulado russo em Xangai está rodeado por tropas inglesas, que não deixam sair nem entrar pessoa alguma. O respectivo cônsul já protestou, mas o espectáculo vai ser igual ao de Pequim.

Entretanto, os nacionalistas vão consolidando o seu triunfo. Informações recentes revelam-nos que os ministros chineses em várias capitais europeias tencionam reverter a sua representação diplomática para o governo de Cantão, que ficariam reconhecendo a partir do dia 1 de Maio próximo. Os ministros chineses consideram inexistente o governo de Pequim, não o considerando, por consequência, mandatário da nação.

Outra informação, e esta muito grave, circula agora nos jornais estrangeiros: que o Japão vai declarar a guerra à Rússia. Os jornais dão esta notícia com todas as reservas e nós citamo-lhe sem nos responsabilizarmos do seu fundamento.

**A atitude do governo soviético perante os acontecimentos**

MOSCOWIA, 11.—O governo dos sovi-

tes entregou uma nota ao encarregado dos negócios da China exigindo que sejam retiradas as forças da polícia e do exército que ocupam os edifícios da embaixada, e dos adidos militares e comercial em Pequim e que todos os indivíduos presos quando da busca neles realizadas, sejam postos em liberdade.

A nota exige ainda a entrega de todos os documentos e dinheiro apreendido.

O governo soviético exigindo satisfações pelo sucedido, afirma que o pessoal da embaixada e do consulado em Pequim exercia apenas funções diplomáticas e consulares que não exigiam medidas repressivas.

O governo soviético telegrafou ao seu encarregado de negócios em Pequim ordenando-lhe que apresentasse uma nova nota de protesto por causa das pesquisas e prisões efectuadas na embaixada.

Esta segunda nota classifica o procedimento do governo chinês de violência inqualificável e insulda do direito internacional e causador duma guerra mundial.

O governo soviético resolveu retirar o seu embaixador em Pequim.—(L.)

## Informação telegráfica

**Dizem de Xangai que os nacionalistas apanharam uma derrota**

XANGAI, 11.—Os cantoneses sofreram uma forte derrota que pode ter profundos efeitos sobre os seus exércitos enviados contra Pekim.

A coluna de leste, avançada de Cingkiang, ao norte de Yangchow, constituída por uma divisão encontraram-se subitamente envolvida por três divisões nordistas, retirando precipitadamente, numa verdadeira corrida, sobre o Yang-Tse, que as tropas procuram travessar.

Os habitantes de Chikiang retiraram todas as bandeiras cantonesas mesmo antes da cidade ter sido completamente abandonada pelas tropas sulistas, das quais esta noite ali se não encontrava já quaisquer destacamentos.

Uma outra coluna, avançando do Pukow, foi agressivamente recebida abandonou Pingou e Chunchow, afirmando-se que está retirando em desordem sobre Pukow.

As forças cantonesas estão sendo perseguidas pelas tropas de Chang-Chung-Chang e Sun-Shun-Fang ao norte de Yang-Tse.

Os nordistas afirmam ter obtido bastantes vantagens em Shinkeng.—(L.)

## A situação em Xangai

XANGAI, 11.—Dizem de Pekim que a Inglaterra, os Estados Unidos, o Japão, França, e a Itália apresentaram esta manhã as suas reclamações às autoridades de Hankow, onde reina grande pânico pois espera-se que no caso da resposta não ser satisfatória os navios das potências bombardeiem a cidade.

Vão ser transferido o quartel general cantões.

Na última semana abandonaram esta cidade 4 mil estrangeiros e 100 mil chineses.—(L.)

## Um articulista alucinado

PARIS, 11.—O “Figaro” publica num artigo do senador sr. Soty à cerca da propaganda anti-francesa feita pelos comunistas na Índia-China.

O articulista deplora a fraqueza do governo francês em face do comunismo e defende a necessidade da constituição de uma frente única europeia contra a barba da moscovita.

O sr. Soty afirma que o partido comunista francês está orgaizado militarmente compreendendo trinta mil homens divididos por 14 sectores sendo o comando superior de todas estas forças exercido pelo deputado Vaillant.—(L.)

## Manifestação pacífica...

PARIS, 11.—Partiram de Algeira para Saigon dois batalhões de infantaria.—(L.)

## O CONFLITO DA BIBLIOTECA NACIONAL através duma opinião insuspeita e desassombrada

O sr. Manuel Caetano de Sousa, official do exército e um dos mais entusiastas colaboradores do movimento de 28 de Maio, e defensor à outrance da actual situação, publicou no jornal a Moca, de Faro, que é director, um artigo de serena análise ao conflito da Biblioteca Nacional que foi de início muito desvirtuado dada a paixão como foi discutido.

Desse artigo, transcrevemos, com a devida vénia, as seguintes passagens:

“Para a maioria dos conservadores o operariado não passa de um perigoso elemento bolchevista, que não merece mais do que o combate aturado, como inimigo. E’ necessário acabar com a confusão. E’ necessário que todos nos encaremos como irmãos, procurando resolver o problema do bem estar geral, em vez de alimentarmos ódios que apenas servem para nos separar e diminuir.

Que nos importa que aqueles a quem temos obrigação de fazer justiça militem ou não no nosso campo político?

A justiça é uma só!

Pois será justo que tendo-se atacado na imprensa os gráficos da Biblioteca Nacional, se não permita que nessa mesma imprensa eles apresentem a sua defesa?

Não é! Não pode ser! Como homens justos e exactamente porque colaboramos com sinceridade no 28 de Maio, aqui apresentamos o nosso protesto!

E ele é tão sincero quanto é certo que, lendo essa defesa, que temos presente, podemos afirmar que ela é absolutamente correcta! Não tem uma palavra nem para a explicação nem para o Governo! Limita-se a explicar o incidente com o sr. dr. Fidelino de Figueiredo, sem um insulto, sem uma

palavra que constitua ofensa! Não é justo. Protestamos. Exactamente porque colaboramos no 28 de Maio é que temos obrigação de protestar e de combater todas as injustiças! Não publicamos a defesa colectiva, por ser muito extensa; mas vamos publicar a carta de Alexandre Vieira, que os jornais que publicaram o ataque não quiseram ou não puderam inserir.

O leitor verá a correcção e até a nobreza desse documento:

Sr. Director:

Em volta do incidente há pouco ocorrido na Biblioteca Nacional têm-se feito afirmações que não correspondem inteiramente à verdade, e não só por isso, mas também porque aos doze colegas meus, operários como eu e homens dignos, são atribuídas responsabilidades que lhes não cabem, rogo-lhe a publicação dos seguintes esclarecimentos.

1.º—Quando os treze operários gráficos se dirigiram ao gabinete do sr. director da Biblioteca, com permissão de sua ex.ª, fizeram-no não com o deliberado propósito de estabelecer um conflito, como poderá concluir-se de algumas informações dadas a público, mas com o intuito de demonstrar ao sr. dr. Fidelino de Figueiredo que as condições de trabalho que vinha de fixar aos operários eram incomportáveis, visto que além de lhes ter retirado, sem uma forte razão de justiça, regalias que correspondiam, por cada um deles, ao cerceamento de três meses de vencimentos no ano, reduzia-lhes ainda os salários em 22\$81 mensais, a despeito da promessa que sua ex.ª lhes fizera de que nenhuma redução sofreriam nos seus vencimentos.

2.º—Não se registou um ataque colecti-



## Numa importante assembleia magna, tratam de assuntos que interessam à classe, especialmente na parte referente ao trabalho noturno nas padarias

Eram 10,45 quando, ontem, perante uma enorme assistência, que por completo enchia o amplo salão do sindicato dos operários Manipuladores de Pão, espalhando-se ainda pelas escadas e outras divisões que lhe dão acesso, principiou a sessão magna da classe, para mais uma vez tratar da momentosa questão do pão, que o decreto, recentemente publicado, mais vem agravar.

Constituída a mesa pelos camaradas Gamba, que preside, J. Esteves e G. Gonçalves como secretários, usa da palavra primeiramente, o camarada presidente que, com clareza, expõe os motivos da reunião, regosijando-se por a ver tida concorrida.

Protesta com veemência contra a «entrega em que se pretende envolver a comissão de melhoramentos que vem defendendo as reclamações de classe, querendo dá-la como complice dos industriais de padaria.

Abel Lopes põe a assembleia ao facto do que se tem passado, quer com o ministro da Agricultura, quer com o presidente da Bolsa Agrícola, quando procurados pela comissão da classe. Todos fazem promessas, mas a verdade é que, dia a dia, os manipuladores de pão são, mais explorados. O último decreto é a prova mais flagrante do que não houve a vontade de defender a situação destes nem o interesse do público, mas sim, os desejos dos industriais.

Cita o facto de haver um industrial que prometeu 12.000 escudos para que os vendedores fossem obrigados a trazer as balanças. Porquê? Trata, a seguir, da necessidade da classe reclamar o trabalho diurno, apenas, abolindo todo o trabalho noturno, por nógico e anti-higiênico. Afirma que nenhum proveito advém para o consumidor do facto do manipulador de pão trabalhar de noite, e que este trabalho produz muito bem fazer-se de dia, com vantagens para todos.

Gamba mostra a sua surpresa por ter sido publicado o recente decreto que regulariza a manipulação e venda do pão, precisamente ao contrário do que convinha aos interesses dos manipuladores de pão e do próprio público.

E' impossível, diz, que o próprio ministro não tenha sido ludibriado por quem tinha interesse em que o decreto saísse como saiu.

Protesta, também, contra o trabalho noturno, que força um empregado de padaria a um excesso de trabalho exaustivo, sem que daí advinhem outras vantagens que não sejam as do industrial ter um escravo permanentemente ao seu serviço. Cita o facto de na Argentina, recentemente, ter sido abolido o trabalho noturno. A classe dos manipuladores de pão, diz, tem que protestar contra essa violência.

### O CLERO EM ESPANHA

Em 1925 havia em Espanha 32.676 padres, repartidos por 20.440 paróquias. Havia também 3.681 conventos e 15.107 capelas e santuários.

A diocese de Barcelona não tem mais que 377 conventos; Sevilha, 256; Valencia, 245; Madrid, 120; etc., etc.

A diocese mais sortida em padres é a de Vitória; há um sacerdote por cada 271 habitantes. Em Lérida há um padre por cada 50 habitantes.

Frades não há muitos, somente 12.248. Em troca as freiras atingem a respeitável cifra de 52.012.

Façamos uma pequena soma.

Em 1925 Espanha tinha:

Padres.....	32.676
Frades.....	12.248
Freiras.....	52.012
<b>Soma.....</b>	<b>97.116</b>

### MOVIMENTO MARITIMO

Entraram ontem no porto os vapores espanhóis «Isa», de Cologne, arribado para tomar carvão, inglês «Baron Forbes» de Huelva, com passageiros em trânsito; alemão «Herakle», de Hamburgo e Bremen, brasileiro «Almirante Jacagnay», de Santos, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, com 127 passageiros para Lisboa e 56 em trânsito, todos com carga diversa, italiano «Mcviso», de Toulon, com mineral, italiano «Frisco», de Curacao com óleos, e português «Dabeja», de Penarth, com carvão.

Despacharam para sair os vapores ingleses «Baron Forbes» para Glasgow e «Ilson» para Bilbao, alemão «Herakle», para Pyreos, Smyrna e Constantinopla, todos com carga diversa; espanhol «Musilla», para Vigo, vazio; brasileiro «Almirante Jacagnay», para Leixões, Havre, Antuérpia, Rotterdam e Hamburgo, com carga diversa e passageiros.

**Catarrros, tosses, bronquites, rouquidão, pigarro, mau hálito,**

curam-se rapidamente com as cigarrilhas medicinais

**Belsaude-Viteri**

Desinfectam profundamente as vias respiratórias; fortalecem as cordas vocais. Desoprimem os asmáticos permitindo sonos tranquilos.

Deve-se engulir o fumo

Pacote com 24 cigarrilhas fracas, esc. 3\$00  
Fórmula forte 4\$00  
Fórmula fortissimo 5\$00

DEPÓSITO

**Vicente Ribeiro & C.**

Rua dos Fanqueiros, 84, 1.º D.º

LA NOVELA SOCIAL

Interessante coleção de 10 novelas colaboradas por um bom número de escritores revolucionários — Preço 10\$00

Pedidos à administração de A BATALHA

## TEATRO APOLO

TELEF. N. 4129

Companhia ALMEIDA CRUZ

HOJE e todas as noites

A pitoresca opreeta

## MOURARIA

Admirável interpretação

A vida bairrista em pleno palco

## TEATRO NACIONAL

HOJE

— ÀS 21 HORAS —

A representação do célebre drama

## A MORTE CIVIL

Grande desempenho de

Alves da Cunha

E

Berta de Bivar

## Uma represália do capitalismo americano

Durante longo tempo, não houve notícias dos dois infelizes militantes, cuja sorte tem sobressaltado a consciência do proletariado internacional. A imprensa americana manteve-se no maior mutismo, o telegrafo nada comunicava, os plenipotenciários nada diziam.

Para fins de Fevereiro último estava marcado o julgamento no Supremo Tribunal da revisão do processo. O último recurso de defesa era a revisão, mas as esperanças eram poucas, as próprias vítimas não confiavam da atitude de uma justiça que recebera a missão de espelhar todos os princípios legais e humanos para satisfazer o seu espírito de classe.

Finalmente, surgiu a notícia. Era lacónica: Última etapa. Cadeia eléctrica. Situação trágica. E nada mais se soube. Que terá acontecido aos dois mártires? A mais horrível sorte, se a autoridade suprema do Estado de Massachusetts recusou o indulto. Seis anos se retardou a monstruosa represália do imperialismo americano. Os nomes de Sacco e Vanzetti ficaram na memória do proletariado de todo o mundo como a mais terrível expressão da tirania capitalista.

### O NOSSO REAPARECIMENTO

## Mais saudações

A Batalha continua recebendo as mais entusiásticas saudações de vários organismos operários. A essas manifestações se associam também vários camaradas que, pessoalmente ou por escrito, nos patenteiam o seu regosio pelo seu reaparecimento.

Ontem foram-nos enviadas mais as seguintes saudações:

De correspondente da Guarda: «Saúdo A Batalha pelo seu reaparecimento e faço votos para que a continue defendendo o belo e sublime ideal que há de redimir a humanidade. — Ernesto dos Santos Pereira.»

De Cândido Marques, recebemos uma amável carta felicitando A Batalha pelo seu reaparecimento.

Também o jornal *Ala Esquerda*, de Beja, se referiu ao nosso reaparecimento nos seguintes termos:

«Repareceu o nosso colega A Batalha, órgão da classe operária, que por ordem do Governo se encontrava suspenso desde os últimos acontecimentos revolucionários. Cumprimentamos muito cordalmente este nosso colega da capital ao qual desejamos todas as prosperidades e longo futuro.»

## MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Antonio Delfino» são hoje expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Ayres, sendo a última tiragem das correspondências ordinárias da caixa geral às 13 horas e recebem-se para registar até às 11 horas, e pelo paquete «Belle Isle» para a Madeira, efectuando-se a última tiragem às 7 horas. Por via Marselha também seguem malas do correio para a Índia portuguesa e Macau, realizando-se a última tiragem às 11,30.

## NA MORGUE

Deram ali entrada, Margarida Rosa, 30 anos, datural de Lamego, aquela porteira, que devido à explosão de petróleo, na rua do Alecrim, ali faleceu, bem como o cadáver de sua filha Maria, de 45 dias.

O cadáver de Américo dos Santos, 32 anos, fogueiro, residente no Cruzeiro da Ajuda, 71, 1.º que, como noticiámos, faleceu subitamente, na sua residência após o almoço.

O cadáver dum indivíduo, que apenas se sabe chamar-se Manuel, é natural de Aveiro, aparenta ter 43 anos, trajando pobremente, falo de kaki, e foi encontrado no pátio Gomes Freire, falecendo sem assistência médica.

Na Doc de Alcântara, depois de ter andado à toa de água, foi recolhido o cadáver de José António, 55 anos, serralleiro, residente na rua Maria Pia, 64, que também ali deu entrada.

Foi reconhecido o cadáver daquela criança, que foi colhido pela comboio, em Entre-Campos. Chamava-se Afonso António Ivan, 8 anos, natural de Barcelona e residente na Avenida da República, 90, 1.º.

vo, visto que quem agrediu o sr. director da Biblioteca foi apenas o signatário, que não sendo um brigado profissional, mas ao contrário um indivíduo mais calmo do que exaltado, tem todavia em grande apreço a sua dignidade pessoal e a da corporação operária a que se honra de pertencer.

Exatamente porque o sr. signatário deve, em boa justiça, ser chamado à responsabilidade do seu acto, não compreende a razão por que os seus colegas foram com ele conduzidos e são mantidos nos calabouços do governo civil.

Espera, sr. director, dever-lhe a fineza da publicação da presente carta o que é

De V. Ex.º

Muito At.º e Obr.º

(a) Alexandre Vieira

Operário tipógrafo.

Alexandre Vieira é um homem honrado, que sendo, muito embora, contra o dr. Fidalgo de Figueiredo, não merece, por isso, um tratamento de excepção.

A provar a honrabilidade de Alexandre Vieira estão os nomes de Manuel Ribeiro, drs. Ferreira de Macedo, Reinaldo dos Santos, Egas Moniz e outros, que se ofereceram para suas testemunhas de defesa! Está o nome do dr. Afonso Lopes Vieira, poeta distinto, que em matéria política é integralista e que escreveu uma carta ao sr. presidente da República onde, entre outras coisas, dizia que se «honrava de ser amigo pessoal do operário Alexandre Vieira».

Este homem não é nem pode ser um brigado a quem o ódio político pretende mandar para o degredo com os companheiros que lhe iliba de toda a responsabilidade no conflito com o dr. Fidalgo de Figueiredo.

Os que idealizaram o 28 de Maio não alimentavam ódios. Moveu-os uma enorme sede de justiça e um grande amor aos homens!

Há quem procure alimentar a situação com ódios e violências que não estão no espírito do governo.

Nós combatemos a maldade e somos pela justiça!

## Partem hoje para Africa 500 deportados

Segundo nos informam, segue hoje para os portos de Africa o transporte «Pere de Alenquer», que conduz cerca de 500 deportados, que são, conforme lemos em vários jornais que reproduzem a informação oficial, indivíduos com largo cadastro por furto e violação.

Contudo, não foi publicada uma única lista de indivíduos abrangidos por essa medida, o que não nos permite constatar se de facto se trata de pessoas largamente cadastradas pelos delitos acima apontados.

Os 500 deportados não têm nome — e a gente só tem o recurso de acreditar que, entre todos, não havia sequer um inocente — recurso que achamos absurdo, visto que neste mundo ninguém é infalível e muito menos a polícia, principalmente em casos desta natureza. Os equívocos judiciais são numerosos, o que significa que, mesmo com todas as praxes legais e com o direito de defesa bem sustentado por um advogado e a cultura jurídica dum magistrado a decidir, podem ser condenados inocentes. Com a polícia — não. A polícia não pode equivocarse. Será preciso demonstrar a enormidade monstruosa desta doutrina?

Quanto às deportações, julgamos que não é preciso dilatar-nos muito, hoje, as nossas considerações para que o público saiba que as classificações dum atentado aos mais rudimentares princípios de humanidade que têm no próprio código, tão severo e inflexível, expressão legal, atentado que nos enche de indignação e de horror.

Entristece-nos também que amanhã não possa erguer-se dos cemitérios de Africa, uma única voz que clame justiça, pois os mortos não falam. Os vivos, porém, ainda não de um dia reconhecer que sempre somos opor contra todas as forças congregadas do ódio e da iniquidade a energia e a revolta do nosso espírito e do nosso coração.

## ECOS DA REVOLUÇÃO

Um operário falsamente acusado por um soldado

Encontra-se, actualmente, na Penitenciária, depois de ter transitado pelas cadeias do Porto, Antonio de Almeida Santos que é acusado de perigosos extremismo, o que pode ser muito impressionante como designação mas que é vago, mesmo muitíssimo vago para significar delito.

Informam-nos, porém, que a referida prisão foi motivada por uma torva vingança do abade de Rio Tinto, localidade donde ele é natural.

Foi o referido abade, de cumplicidade com três reacçãoários daquela terra, quem o denunciou às autoridades locais acusando-o de ser um extremista perigoso.

Trata-se dum operário que não merece as simpatias do seu denunciante, visto não se deixar ludibriar pela sua obra de evangelização que bem cara tem custado aos lapónios a quem elle consegue aterrorizar com as «grandes e horríveis» chamadas do inferno.

O caso merece mais circunstanciada referência: António Almeida Santos foi preso sob a acusação de ter participado do ultimo movimento revolucionário. Provou-se a falsidade da acusação, sendo, por esse facto, posto em liberdade, vinte e quatro horas depois. O denunciante, irritado com o insucesso, desesperado por ver a vítima fugir-lhe das mãos, acusou-o de ter pretendido perturbar uma procissão, uma cerimónia e um funeral, feitos segundo os ritos católicos.

Apenas há de verdade em tudo isto a circunstância de há anos elle ter sido provocado e agredido próximo da igreja.

## RENDIMENTOS DOS OPERARIOS

Colhido por uma pedra

Domingos Soares, 40 anos, trabalhador, residente na rua Gomes Freire, 5, andando a trabalhar numa obra, pertença dos hospitais civis, foi colhido por uma pedra, quando ferido no pé esquerdo.

## Queda dum cavalete

Joaquim Matens, 41 anos, canteiro, residente na rua da Beneficência, 30, 2.º, andando a fazer umas reparações num prédio, caiu dum cavalete, sofrendo um entorse no pé direito.

Receberam ambos curativo no hospital de São José.

## «A Batalha» no Funchal vende-se no BUREAU DE LA PRESSE

## TIVOLI

ÀS 21 HORAS

A super-produção da «Warner»

## A FERA DO MAR

Empolgante drama de aventuras, em nove partes, com o célebre actor norte-americano

John Barrymore

E

DOLORES CASTELLO e GEORGE O'HARA

Pafuncio, campeão à força

Comédia em seis partes, com

Monty Banks (Pafuncio)

CINEMAGAZINE

Orquestra sob a direcção do maestro

NICOLINO MILANO

Quinta e Sexta-feira Santos, em «matinée» e «soirée»

CRISTUS

— E O —

MÁRTIR SÃO SEBASTIÃO

Companhia Almeida Cruz, que por esse facto, tem recebido unânimes elogios.

Salão Foz

Uma revista por sessões

Não há confronto possível que permita sequer, dentre as que se têm apresentado ultimamente, igualar a revista «Secretário dos Amantes» que se exhibe todos os dias em 2 sessões, no teatro Salão Foz, com casas completamente cheias.

E' mais um trabalho dos já consagrados autores Lino Ferreira, Silva Tavares, Lopo Lauer, Xavier de Magalhães e Lourenço Rodrigues com música de Filipe Duarte, Angel Gomez e Raúl Ferrão e só assim se justifica o êxito que está obtendo para o o que muito concorre a magnífica interpretação de toda a companhia e muito especialmente de Hortense Luz em vários papéis que o público obriga a «bisar».

Guarda roupa, cenários, efeitos de luz e a execução da parte musical por parte da Foz Melody Band formam um conjunto harmonioso que o público muito tem apreciado.

Dentre as várias «toilettes» que vieram de Paris e que a actriz Maria Lauer apresenta, destaca-se a de número «Traição», saia jupe-coltete de veludo e Smoking em preto, que é a grande moda lançada pelos costureiros parisienses para as grandes festas nos salões aristocráticos.

A's 14,30 realizam-se todos os dias grandiosas «matinées» cinematográficas, exibindo-se hoje, entre outros, o «film» em 12 partes «O Ladrão de Bagdad».

Apolo

«Entre os lobos» — A sua reaparição no próximo sábado

A famosa peça «Entre os lobos», em que a grande artista Palmira Bastos tem um soberbo desempenho, vai reaparecer no próximo sábado no teatro Apolo, a preços populares.

Extraordinária peça de aventuras, de um sabor genuinamente popular, «Entre os lobos» vai marcar no Apolo, na curta série de espectáculos que ali dá, uma nova época de sucesso, como já lhe aconteceu no teatro de S. Carlos.

Coliseu dos Recreios

A «Mouraria»

A célebre opereta «Mouraria», a peça maior e de mais acentuado sucesso em Portugal, faz a sua estreia no Coliseu dos Recreios no próximo sábado de Aleluia, fazendo ali uma curta série de espectáculos. A «Mouraria», que traduz episódios dum dos bairros mais conhecidos e mais típicos da capital, que tem quadros emocionantes e alegres, alguns deles de uma grande sentimentalidade, é ampliada com novos números de fados, tendo também novos efeitos de encenação que a fazem quasi tornar uma peça absolutamente diferentes no seu conjunto.

Com preços populares, a famosa peça, que será levada em duas sessões, marcará mais ainda o seu triunfo nos poucos dias que se demora no Coliseu.

Companhia de ópera

O Coliseu dos Recreios abre a sua temporada de ópera italiana no próximo dia 23 com uma grande companhia de que faz parte a distinta cantora Mercedes Tapsis, hoje reputada como a maior soprano ligeiro do mundo. A grande artista tem entusiasmo, com a sua bela e maleável voz, o público que a tem ouvido nos principais teatros líricos de Londres, Itália, França e Espanha, onde tem colhido os mais assinalados triunfos.

## Espectáculos de hoje

TEATROS

Teatro São Carlos. — A's 21,15. — «Entre os lobos».

Nacional. — A's 21. — «A Morte Civil».

Teatro S. Luís. — A's 21,15. — «Paganini».

Teatro da Trindade. — A's 21,15. — «O Quebrantor».

Teatro do Gimmásio. — A's 21. — «A Sorridente».

Teatro Politeama. — A's 21. — «Lourdes».

Teatro Apolo. — A's 20,30 e 22,30. — «Mouraria».

Eden-Teatro. — 20,30 e 22,30. — «O Rei dos Judeus».

Teatro Variedades. — A's 8,30 e 10,30. — «O senhor roubado».

Teatro Avenida. — A's 21,30. — «O bom ladrão».

Coliseu dos Recreios. — A's 21. — Companhia de Circo.

Teatro Salão Foz. — A's 20,30 e 22,30. — «Secretário dos Amantes».

A's 14,30. — Matinée cinematográfica.

Teatro Joaquim d'Almeida. — A's 20 e 21. — Cinema e variedades.

CINEMAS

Tivoli. — Todas as noites animatógrafo, Salão Olimpia. — Todos os dias das 2,30 da tarde às 12,30 da noite. Sessões consecutivas de animatógrafo e concerto musical. — Rua dos Condes.

Jardim Zoológico. — Exposição de animais.

## TEATROS

No Nacional

«Morte civil», de Giacometti, em festa artística de Berta de Bivar

Essa *Morte civil*, do velho repertório dramático, que fez a sua época com todas as suas incoerências, com todos os seus anacronismos, essa *Morte civil*, que ainda hoje se representa porque o seu papel principal é de molde a fazer vibrar as plateias, sedentas, a pesar de toda a evolução mental moderna, de frissons espantosos e de tragédias horríveis, essa *Morte civil* que só pode ser actualmente tolerada, quando interpretada por um grande actor, como Zaccani, Vico, Novelli e Emmanuel, teve agora mais uma reputação no palco do nosso teatro normal, onde, ainda há dias, essa obra prima da dramaturgia moderna, *O novo idolo*, mal se arrastava porque um público que não quer pensar, a abandonara por completo. Mas a *Morte civil* veio provar a grandeza do talento do insigne artista que é Alves da Cunha, a quem a nossa scena deve já algumas famosas criações: Alves da Cunha foi soberbo, inegavelmente. Desde a scena do primeiro acto em que descreve o seu crime e a fuga da prisão, até à violentíssima morte com que fecha o terceiro e último, o seu trabalho foi extraordinário de verdade, de intensidade trágica, de enorme sentido de expressão scênica. A ovação que o teatro, em péso, lhe prodigalisou foi daquelas que um artista não pode esquecer e que o espectador conservará de memória.

Berta de Bivar que fazia a sua festa artística deu ao papel de Elisa uma enteneadora intenção de sacrifício e de beleza moral. Carlos de Oliveira e António Sacramento muito bem. Calazans correctissimo. Branca Riquetti encantadoramente ingénua. Os outros artistas bem. A direcção artistica, de Araújo Pereira, é desnescessário encarecê-la tão proficiente ela é sempre.

Nogueira de BRITO

## Alunos de Rey Colaço

O competitissimo professor de piano Alexandre Rey Colaço começou a série de concertos em que serão apresentados ao critério do público alguns dos seus discípulos. Marcam estas audições porque, além de relevarem jovens executantes vêm demonstrar a proficiência com que o simpático mestre exerce o seu mister, há tantos anos evidenciado e por forma a granger-lhe um nome dos maiores no nosso meio musical.

Neste concerto tomaram parte quatro alunos, Mesdemoiselles Lino, Antónia Colaço, Nogueira e Irene Teixeira. A primeira tocou o *concerto italiano* de J. S. Bach, página formosíssima de lirismo. Mademoiselle Lino sentiu-o com discreta simplicidade.

D. Antónia Colaço, no *concerto em ré menor* do mesmo autor, revelou apreciáveis qualidades de técnica, principalmente no allegro final. Foi acompanhada por uma orquestra de arco dirigida por Jaime Silva (filho) que regem com certa consciência.

Mademoiselle Nogueira no *prelúdio, ária e final* de César Franck teve sentimento e desprezo. D. Irene Teixeira que executou muito bem duas sonatas de Scarlati, com optimo estilo, foi particularmente aplaudida sendo forçada a tocar dois números extra-programa.

N. de B.

## Eden-Teatro

A peça «O rei dos judeus», de Silva Tavares e Carvalho Mourão

*O rei dos judeus* é uma peça para a época da semana santa. Tem o interesse da pintura dos quadros e do recorte lendário dos personagens.

E' um assunto aproveitado bastante como filão monetário para determinadas camadas sociais engodadas nestes lances de misticismo. O erente rejeita com estas exhibições espectaculosas, o que o não é só de interesse se se a ligagem da peça e o efeito de *mise-en-scene* obedecem a bons preceitos de arte e a delicada orientação scenográfica-indumentária. O *Rei dos Judeus*, que Silva Tavares e Carvalho Mourão escreveram em verso bem cantante e em que por vezes o ritmo é troiano, pelo seu cadenciado recorte, pelo colorido das imagens, e em muitos momentos pela espontaneidade da rima. Ouve-se com atenção e detença. O desempenho oferece uma simpática homogeneidade. Hólbche



---



# A BATALHA

As nações estão destinadas a fundir-se para formar uma só que destrua as fronteiras.—CHEVREUIL.



## ESTRANGEIRO

**Dols «records» mundiais**  
BERLIM, 11.—O piloto aviador alemão Roederer bateu hoje dois records mundiais o dos 500 quilômetros com 1.000 quilos de carga, desenvolvendo a velocidade de 175 à hora, e o dos 100 quilômetros com 2.000 quilos atingindo 179 por hora. Os anteriores records estavam em 166 e 174 quilômetros à hora, «records» transatlânticos.

**Os «raids» transatlânticos**  
NOVA-YORK, 11.—O capitão de fragata Noel David, da marinha norte-americana, tentará em Maio próximo o vôo directo Nova-York Paris, num novo aeroplano denominado «American Legion». Uma outra tentativa transatlântica será feita no mesmo mês pelo comandante Byrd, herói do vôo polar.—(L.)

## Em poucas linhas

**Um segundo Abd-el-Krim**  
LONDRES, 11.—Segundo notícias recebidas nesta cidade, numa grande reunião das tribus dissidentes do Djebala, Hami-dell-Beggar, escolhido o ano passado como chefe, em substituição de Abd-el-Krim, expôs o seu plano de campanha para a primavera e verão deste ano. O chefe declarou ter à sua disposição grandes depósitos de armas e munições, podendo iniciar-se impetuosamente as hostilidades em qualquer momento.—(L.)

BERLIM, 11.—A saída da reunião do partido nacional socialista alemão em Koenigsberg, o consul soviético foi agredido à bengala, ficando ferido na cabeça. O agressor foi preso, declarando ignorar a personalidade da pessoa que agredira. O perfeito da polícia apresentou imediatamente desculpas ao consul, devendo amanhã o sr. Stresemann renovar a permissão do embaixador dos soviéticos em Berlim.—(L.)

LYON, 11.—O sr. Bokanowski, ministro do comércio, inaugurou ontem, em Lyon, a casa dos sindicatos dos patrões. Discursando, o ministro disse ser necessária a produção intensiva para melhorar a situação dos operários.—(L.)

FIUME, 11.—Realizaram-se ontem grandes manifestações italo-húngaras por motivo da assinatura do acordo que permite o tráfico marítimo da Hungria através do porto de Fiume.—(L.)

PARIS, 11.—Segundo se afirma, o Banco de França pagará brevemente ao Banco de Inglaterra 33 milhões de libras, saído da sua conta, a fim de recuperar os 18 milhões de libras-ouro que nele tem depositado como garantia.—(L.)

BUCARESTE, 11.—Anuncia-se oficialmente que o rei Fernando entrou na convalescença.—(L.)

LONDRES, 11.—Estão-se repetindo periodicamente misteriosos incêndios no arsenal militar tendo a polícia ordenado um rigoroso inquérito.—(L.)

## Um «complot» comunista...

PARIS, 11.—A polícia de segurança fez grande número de prisões de indivíduos acusados de espionagem nos arsenais nacionais.

Trata-se de um «complot» comunista de grande envergadura.

Mais de 100.000 homens estavam espalhados pelos arsenais e depósitos de material da aviação coligando apontamentos que eram enviados para a Rússia e depois deste país reenviados para um terceiro.—(L.)

## Os socialistas e os governos burgueses

PARIS, 11.—A federação socialista do Sena reuniu ontem em sessão preparatória do congresso nacional marcado para Lyon, em 17 do corrente.

Obteve maioria a moção que defende o critério de que a política do partido deve ser baseada na oposição permanente dos governos, recusando toda a espécie de colaboração, aos governos burgueses.

Foi também resolvido levar a questão Paulo Boncour, que tem sido delegado da França junto da S. D. N., ao congresso nacional.—(L.)

## Dividas da guerra

PARIS, 11.—E' no dia 22 do corrente que o banco de Inglaterra começará a reentregar à França, segundo o acordo feito, o ouro que ali estava depositado, como garantia da sua dívida.—(L.)

## Os acontecimentos de Nanquim e as potências europeias

PARIS, 11.—Os jornais sustentam que a nota das potências relativa aos acontecimentos de Nanquim deve ser colectiva, afirmando que o governo cantonense não possa alegar ignorância de que todas as nações interessadas têm o firme propósito de fazer respeitar os seus direitos.

A nota—dizem mais—não terá o efeito de um ultimatum: se os dirigentes sulistas deixarem de sentir que ele reflecte bem a vontade e decisão de todas as potências.—(L.)

## Os incidentes de Pequim

PARIS, 11.—E' considerada como anódina a resposta dos soviéticos sobre os incidentes de Pequim.—(L.)

## Conferência do desarmamento

GENEVA, 11.—Na sessão desta manhã da reunião preparatória da conferência do desarmamento geral, lord Cecil declarou que as propostas francesas não limitavam as pequenas unidades navais: como os submarinos, cuja importância militar é enorme. Por isso, o governo inglês não podia aceitar essas propostas.

O delegado da Itália disse, por sua vez, não aceitar a distinção entre forças afectas ao território metropolitano e de defesa das colónias, afirmando que o governo italiano deseja possuir uma tonelagem de navios de guerra global equivalente à de qualquer outra potência continental europeia.

O sr. Paulo Boncour declarou ser injusto aplicar o material naval à limitação por categoria, terminando por dizer que os acordos de Washington criaram para a França uma situação especial, não podendo por isso, restringir a tonelagem que lhe foi estabelecida.—(L.)

## Sobre organização

### Origens do movimento operário

O moderno movimento operário é o resultado natural daquela grande revolução económica que começou já ao finalizar a Idade Média e que pôde desenvolver-se sem obstáculos, especialmente depois das grandes revoluções de Inglaterra e de França. As velhas instituições feudais caíram ruínas e em todas as partes desenvolveram-se com desconhecida regularidade novas formas de vida social que modificaram radicalmente toda a conformação da sociedade europeia em poucas décadas de anos. Começou aqui aquele período de industrialização que se converteu num ponto de partida duma fase nova da civilização humana e que influiu poderosamente em todos os domínios da vida moral e material. Por um lado as grandes revoluções da Europa destruíram violentamente os laços que haviam levado a sociedade feudal ao desenvolvimento de novas formas de produção. Por outro lado o florescimento da ciência havia criado condições para uma completa transformação da técnica nas velhas modalidades da produção, e a burguesia vitoriosa, por possuir já um certo poder económico, teve a possibilidade de explorar essas novas conquistas do espírito humano em seu favor, podendo assim ampliar os seus privilégios económicos e sociais, e firmar-se mais solidamente na sociedade.

Essas condições não favoreceram a burguesia como classe a uma evolução radical nas formas de produção, como a muito se afirma: a burguesia soube utilizar dum modo desconsiderado os novos resultados da ciência e dessa maneira lançou os verdadeiros alicerces da nova ordem social capitalista.

Nos estabelecimentos fabris e nas fábricas dos centros industriais, onde a miséria social das massas esburgadas se amontoou, surgiu uma nova camada da sociedade, desconhecida até então com aquele aspecto: o moderno proletariado industrial, a classe dos operários assalariados, que só podem garantir a sua vida pela venda da sua força de trabalho.

Na Inglaterra, onde as indústrias romperam primeiramente as apertadas fronteiras do velho «artesariado» e provocaram um novo sistema de produção baseado na divisão do trabalho e na centralização das indústrias, foi onde primeiro se realizou esse processo de transformação social, que depois se estendeu paulatinamente aos outros países. Com auxílio das famosas «leis do cerco» roubou-se a terra aos camponeses, forçando-os ao exodo para as cidades industriais como objectos de exploração cômoda para o capitalismo industrial. Fazendeiros conservadores e barões liberais da indústria associaram-se para executar em comum o roubo sistemático das terras comunais, em que ambos—cada qual a seu modo—estavam interessados.

Distantes do lar nativo, que se lhes havia arrebatado, aturdidos pelo ruído das máquinas e estonteados pelas novas impressões da sua nova situação esses modernos escravos, de princípio não compreenderam o que de novo e fora dos seus velhos hábitos caía sobre eles por toda a parte. Mas não tardou muito a conhecerem a gravidade da sua nova existência. Os capitalistas arrojavam-se com uma fúria brutal sobre esses servos da moderna grande indústria para lhes extrair a última gota da sua energia vital. O trabalho dos homens não lhes bastava e as mulheres e as crianças foram forçadas a entrar nas grandes oficinas e estabelecimentos fabris para pagarem o seu tributo sangrento à voracidade do capitalismo.

Privou-se o operariado do descanso dominical e outros dias de festa ou de repouso e apenas se lhe consentiu a quantidade de sono justamente necessária para que não se esgotassem duma só vez. A mortalidade infantil e a degenerescência do novo proletariado industrial adquiriram formas tão horríveis que os contemporâneos perspicazes puderam falar de um atentado à existência nacional do povo inglês. Os testemunhos de médicos e peritos daquele terrível período demonstraram com mediana clareza de que modo infame o capitalismo executou o despojo da vida e da saúde do proletariado inglês. Assustado pelas espantosas revelações sobre aqueles acontecimentos duma «evolução» que na opinião dos economistas burgueses estava chamada a fazer de Inglaterra o país mais rico do mundo, o governo tentou, entre 1802-1831, preservar as crianças das consequências da mais brutal exploração mediante uma série das chamadas leis de protecção. Mas essas leis, na sua maior parte, ficaram letra morta, pois os fabricantes sabotaram-nas abertamente sem que o governo se tivesse atrevido a proceder contra eles.

Rodolfo ROCKER

## INSTRUÇÃO

Universidade Nacional de Instrução e Educação

Na secretaria da 2.ª secção desta Universidade, instalada na rua do Paraíso, 28, 1.º, estão abertas as matrículas todos os dias úteis, das 10 às 16 e das 19 às 23 horas, para os cursos diurnos e nocturnos de primeiras letras, instrução primária, trabalhos manuais, caligrafia, português, francês, aritmética, escrituração comercial, música e curso dos liceus, podendo inscrever-se nestes cursos todos os indivíduos de ambos os sexos, crianças e adultos de qualquer profissão.

No próximo dia 1 de Maio realiza esta Universidade a sua segunda festa com um surpreendente espectáculo no teatro Juvénia, estando desde já os bilhetes de convite na morada acima indicada, onde podem ser requisitados.

Foi assinada uma portaria louvando o professor da escola de ensino primário geral de Paços, conselho de Melgaço, sr. António Joaquim de Sousa, a comissão administrativa do respectivo município, a sr. D. Ana Monteiro e os srs. Albano Augusto Pereira, António Pinheiro, José Joaquim Gomes, António Rodrigues, José Augusto Pires e Francisco José Martins por terem feito as reparações de que carecia o edificio da mesma escola que se encontrava em ruínas.

## APROPÓSITO DUMA DECLARAÇÃO

### O ódio ancestral a todos os ideais generosos

Pelas atitudes belicosas assumidas pelos defensores do presente estado social e político, verifica-se que eles têm o pensamento na extravagante categoria de um verdadeiro monstro apocalíptico, desde que as suas fulgurações intelectuais transponham as acanhadas fronteiras do tradicionalismo gotoso.

Se estivessemos em épocas pre-históricas de fabricação de deuses, certamente o livre idealista era canonizado, pela vulgarização fanática, como uma arimânica divindade do mal permanente...

Os falsos guardiões da hora que corre, na sua atropelante tarefa de desobstruir o caminho da ordem artificial das coisas preponderantes, julgam enxergar, nas curvas sinuosas que simetricamente desenham, na mão do pensador, o M natural do abrir e fechar da sua palma, sinas estarecedoras de insurreccionais levantamentos e atentados da vida humana indistintamente...

Nas pontas dos dedos polpudos, supõem existir tubos ameaçadores de dinamite, e na boca, depósitos terríveis de milímetro, e mais drogas que terminam em ite explosiva, sempre em laboração constante de despachar detonantes frases subversivas para o despertar da ingenuidade dos povos. O nariz, com largas fossas e de azas crispadas, está em continua erupção de fenomenais espirros de metralha, cujos sintomas de constipação destrutiva eloquentemente se lobrigam na doura irrisadição dos seus olhos chamiferosos...

Esta é a fisionomia fabulosamente brutal de todos os que se separam dos mitos excentrísticos do clericalismo do sistema social reinantes—fisionomia especulativa pintada pelos serventários das velharias...

E tal o delírio a que às vezes chegam nas suas fantasias de mitologia oriental política e fradesca, estado mórbido a que são levados pelos remorsos da maledicência, que até visionam, na criatura que abraça princípios modernos, uma espécie de cão colossal, lendariamente gravado no penhasco da miséria opressiva cravado perto da desembocadura do rio Lykos formado de lágrimas alitivas e a ladrar, à aproximação do inimigo da felicidade humana, até se ouvir no Chypre... do acordar das consciências letargadas...

A tudo isto pode, sem dúvida, aplicar-se aquele conceituoso dito daquela figura horrenda que Ardaí Viraf viu aparecer a uma alma que, no monte Chinvad e junto da cabeça do defunto corpo de onde saíra, amargamente se queixava da angústia dos seus pecados que se apoderara dela. A pergunta de quem era e à afirmação de que já mais se defrontara na terra com uma figura de tão aspecto tremendo, ela respondeu imperturbavelmente:—Sou tu próprio, a tua própria imagem; os teus crimes tornaram-me assim; quando os outros caminhavam pela senda da verdade, tu fugias dela; foste rico e nunca fizeste bem a ninguém...—concluindo por garantir que, com o seu exemplo, corromperá os outros, propensos ao bem.

Ora a horrorização gratuitamente apontada a todos os livres idealistas sem excepção, pode responder idênticamente que a sua suposta fealdade é, então, a narração exacta, a figura fiel, a imagem rigosa dos próprios acusadores—e ainda daqueles se

nhores da indústria pesada dos engenhomorfíferos fabricados para as devastadoras conflagrações entre os Estados...

Como, porém, comeram o metafísico pão do Ized Seroch das conveniências preconcebidas, esquecem-se daquelas verdades, de tudo quanto se passa no mundo e não lhes dá conta de saber.

Calculando-se assim por estes dispaupérios, podemos, com mais graça e com mais razão, considerar interessantes as friolêricas conclusões a que foi bater um curioso de leduras sobre coisas antigas. Assim, ao ter conhecimento de que em idioma sumério *mula* significa homem, mais tarde as suas filosóficas congeniações emberritativas com a frase, levaram-no ao convencimento de que o animal substantivo *mula* é o resultado curioso duma adulteração evolução de vocabúlos, motivo porque também o homem, segundo um capricho aberrativo da natureza... e dos costumes, se veio a aproximar daquele quadrúpede, visto que vive, desairosamente, num perpétuo escoucar entre si próprio... Se em hebraico há quem diga que *rosch* quer dizer cabeça, deduziu igualmente daí o facto de muitas cabeças de homens terem a granítica dureza, consistência, da *rocha*, não havendo maneira de elas se racharem à pancada forte da Razão, da Verdade, apregoadas pela clara Ciência Sociológica dos princípios humanamente definidos...

Dest'arte, somos também forçados ainda a admitir que, se em sumério *prata* tanto se dizia *gu-babbar* como também *só gu*, «que depois se pronunciou *ku*», fez muito bem a madureza adorativa daquele admirador afonsino, mandar fundir em bom argenteo metal, não simplesmente o posterior, mas todo o perfilado e estatístico corpo do antigo chefe democrático...

A que propósito, afinal vem tudo isto? dirá agora o leitor. Vem muito a propósito do pai do nosso camarada António José de Almeida, do Porto, ter, publicamente e em O Primeiro de Janeiro, repellido o epíteto de «extremista perigoso que fôra dado ao último, quando ele é trabalhador, honesto e considerado por todos os vizinhos, sem distinção de escalas políticas.

Ora trabalhadores, honestos e de sentimentos nobres e de bondade são todos aqueles que amam verdadeiramente as ideias de emancipação humana por isso que desejam o bem-estar, a alegria, o sossego real e não fictício, de toda a gente, sem exclusivismo de espécie algum. Pode, na verdade, no embate das contradições da vida imperfeita actual, surgir exaltados, condição excepcional resultante do meio e do próprio temperamento físico desta ou daquela criatura—mas também aparece uma infinidade de indivíduos que, a despeito de todas as vicissitudes, manifestam sempre uma verdadeira paciência evangélica ante todas as vexações.

Exaltados, têm havido em todos os campos—e talvez mais nas dozes, nas suaves, legiões do cristianismo católico...

Antes de se considerar, de ânimo leve, *terrível, sanguinário, perigoso*, uma pessoa, deve-se vê-la primeiro com que fundamentos e com que antecedentes. Pela maneira com que se faz, com que se calma e com que se enxovalha e persegue—é que não bate certo.

Diógenes de SINOPE

## A' venda na administração de «A Batalha»

Cartilha do homem do povo.....	50
Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Lefranc.....	50
Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva.....	150
Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar.....	1800
A Humanidade, por Taraf Javol.....	150
O Abortamento, pelo Dr. Confeymon e I. Budin.....	2300
Monarquia Jesuitica, por Melchior Zuchofer.....	2300
Os gatos, por Fialho de Almeida, os três primeiros números da 2.ª série.....	2350
O Mitrismo, pelo prof. Almeida Paiva.....	2350
Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas.....	3300
A Religião da Humanidade, por José Augusto Corréia.....	3350
A Filologia perante a História, por Nobre França.....	5500
Os direitos do Estado, por A. Levisse Toffilo Braga, traços biográficos por Francisco Simões Botelho.....	3300
O que é o socialismo, por E. Soisson.....	1550
O corpo humano, por A. Levisse.....	2350
Gravidez e parto, pelo dr. Desvureux.....	1550
Os primeiros socorros a doentes, por A. C. Barroso da Silveira.....	2300
Determinação do valor físico do adulto, por A. C. Barroso da Silveira.....	1550
O concílio de Trento e a Civilização Moderna, por Alexandre Barbas.....	3350

## CONSELHO TECNICO

### DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade  
Escritório:  
Calçada do Combro, 38-A. 2.º

ASSINEM Os mistérios do Povo

## História Universal del Proletariado

### «Veinte siglos de opresion capitalista»

Esta publicação em língua espanhola que se encontra à venda na nossa administração, é um relato histórico, documentadíssimo e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvares da civilização.

Cada fascículo de 48 páginas, 12x18 cm, 2.º reio, registado, 127.

Estão publicados os seguintes fascículos:  
1.º—«La era de la esclavitud»;  
2.º—«La rebelión de Espartaco»;  
3.º—«Abolición de la esclavitud»;  
4.º—«Abolición y Servidumbre»;  
5.º—«La revolución de los siervos»;

6.º—«La miseria de los agricultores»;  
7.º—«Transformación del Poder Feudal»;  
8.º—«El comunismo cristiano»;

9.º—«Los miserables en la Edad Media»;  
10.º—«La libertad ilusoria»;

11.º—«La agonía del absolutismo»;  
12.º—«El trabajo motor universal»;

13.º—«El imperio de la guilhotina»;  
14.º—«Las ideas sociales y la revolución francesa»;

15.º—«Los primeros tiempos del salario»;

16.º—«Hospitales, cárceles y asilos»;

17.º—«Las crueldades de la burguesia republicana»;

18.º—«Los héroes de la Comuna»;

19.º—«Horribles matanzas de Comunistas»;

20.º—«La República Española y la clase obrera»;

21.º—«La Primera Internacional»;

22.º—«El socialismo ante el Parlamento español»;

23.º—«El futuro obrerista profetizado por Castelar»;

24.º—«Pi y Margall confunde a los enemigos del socialismo»;

25.º—«Los precursores del Proletariado moderno»;

26.º—«Crueldades burguesas»;

27.º—«Los mártires de Chicago»;

28.º—«Muerte heroica de cinco proletarios»;

29.º—«El proletariado en América»;

30.º—«Los dictadores mejicanos»;

31.º—«Conclusión».

## OS MISTÉRIOS DO POVO

Previnem-se os leitores e assinantes de OS MISTÉRIOS DO POVO que dentro de poucas semanas estará concluída a edição desta tão apreciada obra.

Nestas circunstâncias, todos os leitores que tenham comprado fascículos ou volumes devem fazer, sem demora, a aquisição dos números que lhes faltam, ou seja do resto da obra pois nenhuma razão aconselha a que fiquem com ela incompleta.

## CRONICA DE VIAGEM

### Do Príncipe a S. Tomé

A linda paisagem africana.—Um paralelo: os tubarões marítimos e os tubarões terráqueos.—Dansas, trajes e costumes

Depois de oito dias de percurso, a maior tiragem do navio—como se dizer-se em linguagem marítima—chegámos à ilha do Príncipe às primeiras horas da manhã.

A aparição é surpreendente, porque é bela e grandiosa, como se de repente surgisse qualquer coisa de sobrenatural, ante os nossos olhos. E' ainda outro quadro que a natureza nos oferece: um mimo de beleza que estasia e empolga.

A enorme bacia onde o navio fundeou, é rodeada de exuberante e espessa vegetação.

Por detrás d'este luxuriante arvoredo, erguem-se, em silhuetas gigantescas, uns montes, proeminentes, altaneiros, que dão um aspecto de grandiosidade à ilha.

Hora crepuscular. O sol já pouco a pouco desapareceu no local, deixando um rastro dourado e scintilante no mar tranquilo. E tivemos ocasião de observar que a queleidade das águas era alterada, e silhuetas surgiam, sombras vagas a princípio, e mais distintas depois, em busca de alimentos.

Erram tubarões em luta pela existência, que disputavam entre si a comida que de bordo lançavam ao mar. O seu aspecto era repugnante.

Têm um olhar feroz de fera, boca enorme e uma espantosa ordem de dentes para trituração das suas vítimas. São, porém, menos prejudiciais que a outra espécie de tubarões que prolifera nos mios chamados civilizados, sempre insaciáveis, no seu labor ferozmente egoísta, chegam a devorar seus próprios semelhantes. O aspecto é outro. Exteriorizam maneiras graciosas e delicadas, vestem bem e passam por boas pessoas.

Entretanto, vão esmorecendo populações inteiras, escravizando economicamente o ser humano, agilhando-o sem dó nem piedade a uma existência infernal, dantesca, que transforma a vida num martírio constante. Aqueles que habitam no mar, cumprem uma condição natural que lhes impuzeram. Matam para viverem, outras espécies, comem mesmo carne humana, mas são menos nocivos do que aqueles que habitam nas cidades, nos grandes centros, que provocam guerras cruentas para satisfazerem as suas desmedidas ambições.

No Príncipe embarcaram alguns estivadores pretos, naturais de Cabinda, que se destinam ao serviço de carga e descarga de bordo. Alguns d'elles são belos tipos negros, muita correcção de linhas e bastante musculosos. Um grupo d'elles improvisou a bordo uma interessante e movimentadíssima dança, espécie de jôgo, que quem não obedece a um determinado ritmo, perde.

Ao puxarem a escada do portão, cantam, para darem assim uma certa unidade ao esforço muscular.

Deixamos o Príncipe. São Tomé surgiu-nos à vista, após uma noite de percurso. E' uma cidade importante de Africa, onde a vegetação também é luxuriante.

Visitámos, a 6 quilómetros daqui, uma bonita localidade—a vila Trindade. O trajecto foi feito de automóvel, numa estrada um pouco metropolitana... pelos bucares que tinha, mas em que eram compensados os balanços constantes que o carro fazia, por uma paisagem maravilhosa de arvoredo, que orlava o caminho dum lado e doutro, o que contribuiu para que o passeio se tornasse agradável.

Nem tudo é árido em Africa.

E' digno de registo o traje dos negros, pela forma variada como se apresentam, cada qual da sua maneira, uns com panos, outros com calças, outros ainda com uns saíotes requintados de cor berrante, dando a impressão dum carnaval. Transportados para Lisboa, estes tipos provocariam a hilariedade geral. As pretas conduzem os filhos às costas, como se fossem trouxas de roupa.

Disseram-nos que é devido a isso, que os pretos nos aparecem depois, já homens, com o nariz achatado, por andarem constantemente compridos contra as costas da mãe.

Talvez assim seja...

José RIBEIRO

## Vida Sindical

### Comunicações

S. U. C. C.—Secção dos Serventes de Pedreiro—Reuniu a comissão administrativa, que, entre outros assuntos, se occupou da crise que atravessa a classe, registando com satisfação a deliberação da comissão administrativa da Câmara Municipal acerca das obras paralisadas há três anos, a qual sintetiza os desejos expressos pelo sindicato de Lisboa, a que esta secção pertence, nos congressos corporativos.

Resolveu também recomendar aos seus delegados ao Conselho de Secções que junto d'este insistam para que continuem as demarches destinadas a atenuar a crise de trabalho, e chamar a atenção dos seus componentes para as sessões magnas que se venham a efectuar para tratar d'este momentoso problema.

### Convocações

REÚNEM HOJE:  
Sindicato Único da Construção Civil—Secção Profissional dos Pintores—Pelas 21 horas a comissão administrativa eleita para 1927 com a de 1926 para tratar de assuntos do máximo interesse para a vida desta secção.

Federação Metalúrgica—Pelas 20 horas, em conjunto, as comissões administrativa e pro-Metalúrgica, a fim de tratarem de assuntos urgentes.

Pintores da Construção Naval—Pelas 19 horas, segunda convocação, assembleia geral.

### A EPOPEIA DO TRABALHO

Ferreira de Castro, com desenhos de Roberto Nobre

Esplêndido livro, que é um verdadeiro hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras. A' venda nas livrarias, ao preço de 600 e, a cobrança, de 750.

Pedidos a Livraria Renascença, de J. Cardoso, editor, Rua dos Poiais de São Bento, 27 e 29 e à Administração de A Batalha, calçada do Combro, 38-A. 2.º—Lisboa—Portugal.

## As tentativas de aviação

De Pinedo

SANDIOGO, 11.—(Califórnia). Chegou no hidro-avião oferecido pelos Estados Unidos o aviador De Pinedo. Durante o vôo um outro avião que escoltava o do aviador italiano precipitou-se no solo devido a uma avaria no motor. O capitão Delperte que ia a bordo ficou incluído bem como o mecânico.—(L.)

## NAO SOFRAM MAIS!



= Usem HERPETOL para as =

=) doenças da pele (=)  
Um das gotas deste medicamento acalmam e fazem por completo desaparecer a coceira. O HERPETOL é na realidade o primeiro medicamento descoberto para as doenças da pele, tais como: ECZEMAS, MANCHAS, ERUPÇÕES, ESPINHAS, GROSSTAS, ARDENCIA NA PELE e MORDEDIDAS DE INSETOS. Instantes depois da aplicação, o doente vê com regozijo sintomas de restabelecimento. A CURA É CERTA, em muitos casos um só frasco e o suficiente para uma cura. Se sofrer, compre sem demora esta especialidade que se vende nas principais farmácias.

## DEPOSITOS:

LISBOA, R. DA PRATA, 237, 1.º

## LITERATURA REVOLUCIONARIA

### EM CASTELHANO

Como se forja um Mundo Nuevo . . . . .	6500
Cuentos de Italia . . . . .	6500
La vida de um Hombre innecesario. . . . .	6500
<i>Wladimiro Korolenko</i>	
El Imperio de La Muerte . . . . .	6500
<i>Dr. G. Feydoux</i>	
La vida tragica de los Trabajadores. . . . .	10500
<i>Jean Masejan</i>	
La Educacion Sexual . . . . .	10500
El matrimonio, el amor libre y la libre maternidad. . . . .	9500
<i>E. Reclus</i>	
La Montanha . . . . .	6500
El Arroyo . . . . .	6000
<i>Octavio Mirbeau</i>	
El Calvario . . . . .	6500
<i>P. Kraptokine</i>	
La etica, La revolucion e el Estado . . . . .	6500
<i>Luis Fabbri</i>	
Critica revolucionaria . . . . .	6500
<i>H. Malatesta</i>	
Ideario . . . . .	6500
<i>F. Dostoyevsky</i>	
Los Hermanos Karamazov . . . . .	9500
<b>Trostky.</b> — Constitucion politica de la Republica dos Sovietes. . . . .	\$50
<b>G. Williams.</b> — O congresso da Internacional Sindical Vermelha . . . . .	1500
<b>C. de G. O. N. M.</b> — Procriacao consciente . . . . .	5500